



<http://dx.doi.org/10.12702/VIII.SimposFloresta.2014.98-649-2>

Síndromes de dispersão de espécies arbóreas em fragmento de mata atlântica, Vitória de Santo Antão, PE

Roseane K. S. da Silva¹, Rosival B. de A. Lima¹, Mateus D. de Paula², Ellen T. R. Guimarães²,
Elisabete C. B. Braga², Aristófanis L. Schuler²

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco (roseanekarla.floresta@gmail.com; rosival_barros@yahoo.com.br); ²Sociedade Nordestina de Ecologia (mateus.dantas@gmail.com; ellenguimaraes@gmail.com; ebraga477@gmail.com; direx@sne.org.br)

Resumo: *As relações entre plantas e seus agentes polinizadores e dispersores são de grande importância para a estruturação das comunidades, portanto, objetivou-se neste trabalho investigar as síndromes de dispersão de um trecho de mata atlântica, Vitória de Santo Antão, PE, a fim de caracterizar as estratégias de dispersão das espécies encontradas no levantamento. Com o intuito de investigar as síndromes de dispersão das espécies foram distribuídas de forma aleatória três parcelas com dimensões de 40m x 40m (0,48 ha de área amostrada), registrando-se todos os indivíduos com CAP ≥ 15 cm. Quanto às síndromes de dispersão, as espécies foram classificadas em anemocóricas, zoocóricas e autocóricas. Foram relacionados 162 indivíduos arbóreos, pertencentes a 48 espécies. Em relação às síndromes de dispersão 41,7% das espécies apresentaram estratégia zoocórica. A autocoria (8,3%) e a anemocoria (4,2%) foram estratégias menos incidentes.*

Palavras-chave: Floresta ombrófila densa; Conservação; Estratégias de dispersão.

1. Introdução

Síndrome de dispersão de sementes é definida por Van der Pijl (1982) como o conjunto de características apresentadas pelos diásporos de uma determinada espécie e que indicam o modo de dispersão da planta.

As relações entre plantas e seus agentes polinizadores e dispersores são de grande importância para a estruturação das comunidades, uma vez que tais interações podem interferir na riqueza, abundância, estrutura trófica e distribuição espacial das espécies (JORDANO et al., 2006).

Portanto, objetivou-se neste trabalho investigar as síndromes de dispersão de um trecho de mata atlântica no município de Vitória de Santo Antão, Pernambuco, a fim de caracterizar as estratégias de dispersão das espécies encontradas no levantamento.

2. Material e Métodos

O trabalho foi realizado em um fragmento de mata atlântica, com área de 19,69 ha, localizado no Assentamento Serra Grande, Vitória de Santo Antão, Pernambuco, fazendo parte do Projeto Carbono Vivo. O clima é do tipo tropical chuvoso com verão seco e precipitação média anual é de 1309,9 mm. Os solos são representados pelos Latossolos nos topos planos, sendo profundos e bem drenados; pelos Argissolos nas vertentes íngremes, sendo pouco a medianamente profundos e bem drenados e pelos Gleissolos de Várzea nos fundos de vales estreitos, com solos orgânicos e encharcados (EMBRAPA, 2013).

Com o intuito de investigar as síndromes de dispersão das espécies foram distribuídas de forma aleatória três parcelas com dimensões de 40m x 40m, partindo-se da borda do fragmento, o equivalente a 0,48 ha de área amostrada. Os sorteios das unidades amostrais foram realizados com base no mapa da área e todos os indivíduos arbóreos, com Circunferência a Altura do Peito de 130 cm do solo (CAP), igual ou superior a 15 cm, foram amostrados e enumerados progressivamente com uma etiqueta de PVC, as quais foram fixadas com prego. A classificação das espécies seguiu o sistema de Cronquist (1988).

Quanto às síndromes de dispersão, as espécies foram classificadas em anemocóricas, zoocóricas e autocóricas, conforme Van der Pijl (1982), utilizando-se informações encontradas na literatura (OLIVEIRA et al., 2011; SILVA et al., 2012).

3. Resultados e Discussão

Na amostragem foram relacionados 162 indivíduos arbóreos, pertencentes a 48 espécies. Desse total, 25 foram identificadas em nível de espécie, nove em nível de gênero, sete em nível de família e sete espécies permanecem indeterminadas (Tabela 1).

As famílias mais representativas foram: Fabaceae com 21 indivíduos, Moraceae e Sapindaceae com 17, Bignoniaceae e Cecropiaceae com 11, Tiliaceae com oito, Indeterminada 3 com sete, Lecythidaceae com seis, Caesalpinaceae e

Malpighiaceae com cinco e Anacardiaceae, Bombacaceae e Euphorbiaceae com quatro indivíduos cada.

Em relação às síndromes de dispersão 41,7% das espécies apresentaram estratégia zoocórica. A autocoria e a anemocoria foram estratégias menos incidentes, com 8,3% e 4,2% respectivamente. As espécies indeterminadas, bem como identificadas apenas em família não tiveram a síndrome caracterizada, somando 45,8% do total.

O comportamento da predominância das espécies zoocóricas em relação às anemocóricas, e autocóricas, foi observado em estudos realizados por Oliveira et al. (2011) e Silva et al. (2012) em fragmentos de floresta ombrófila densa de Pernambuco.

TABELA 1 - Relação das famílias e espécies encontradas em um trecho de mata atlântica, Vitória de Santo Antão, PE, em ordem alfabética por família. Número de indivíduos amostrados (Ni), Síndrome de dispersão (zoo = zoocoria, ane = anemocoria e auto = autocoria (-) = ausência de informação).

Família	Espécie	Ni	Síndrome de Dispersão
Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i> L.	2	zoo
	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl	2	zoo
Bignonaceae	<i>Tabebuia</i> sp.1	11	-
Bombacaceae	<i>Eriotheca crenulicalyx</i> A. Robyns	4	auto
Burseraceae	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand	2	zoo
Caesalpinaceae	<i>Dialium guianense</i> (Aubl.) Sandwith	5	zoo
Cecropiaceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	11	zoo
Celastraceae	<i>Maytenus distichophylla</i> Mart	3	zoo
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i> sp. 1	2	zoo
Combretaceae	<i>Buchenavia tetraphylla</i> (Aubl.) R.A. Howard	1	zoo
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea guianensis</i> (Aubl.) Benth.	1	zoo
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum</i> sp. 1	1	-
Euphorbiaceae	<i>Senefeldera multiflora</i> Mart.	4	auto
	<i>Andira nitida</i> Mart. ex Benth.	2	zoo
Fabaceae	Fabaceae 1	7	-
	Fabaceae 2	4	-
	Fabaceae 3	1	-
Lauraceae	<i>Pterocarpus violaceus</i> Vogel	7	anemo
	<i>Ocotea canaliculata</i> (Rich.) Mez	1	zoo
	<i>Ocotea</i> 1	1	-
Lecythydaceae	<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Miers	3	zoo
Malpighiaceae	<i>Gustavia augusta</i> L.	3	auto
	<i>Byrsonima sericea</i> DC.	5	zoo
Melastomataceae	<i>Miconia</i> sp.1	1	-
Mimosaceae	<i>Albizia pedicellaris</i> (DC.) L. Rico	1	auto
	<i>Inga ingoides</i> (Rich.) Willd.	2	zoo
	<i>Brosimum discolor</i> Schott..	14	zoo
Moraceae	<i>Ficus</i> sp.1	1	-
	<i>Sorocea hilarii</i> Gaudich	2	zoo

Continua...

TABELA 1 - Continuação

Família	Espécie	Ni	Síndrome de Dispersão
	<i>Campomanesia dichotoma</i> (O. Berg) Mattos	1	zoo
Myrtaceae	Myrtaceae 1	1	-
	Myrtaceae 2	1	-
Nyctaginaceae	<i>Guapira opposita</i> (Vell.) Reitz	11	zoo
Proteaceae	<i>Roupala</i> sp.1	1	-
Rubiaceae	Rubiaceae 1	1	-
	Rubiaceae 2	2	-
	<i>Allophylus edulis</i> (A. St.-Hil., A. Juss. & Cambess.) Radlk.	2	zoo
Sapindaceae	<i>Cupania racemosa</i> (Vell.) Radlk.	10	zoo
	<i>Talisia</i> sp.1	5	-
Tiliaceae	<i>Apeiba tibourbou</i> Aubl.	1	zoo
	<i>Luehea paniculata</i> Mart.	7	anemo
Indeterminada 1	Indeterminada 1	1	-
Indeterminada 2	Indeterminada 2	2	-
Indeterminada 3	Indeterminada 3	2	-
Indeterminada 4	Indeterminada 4	7	-
Indeterminada 5	Indeterminada 5	1	-
Indeterminada 6	Indeterminada 6	1	-
Indeterminada 7	Indeterminada 6	1	-

4. Conclusão

A forma de dispersão é fundamental para colonização e estabelecimento das plantas nos ambientes, além disso, é determinante para a manutenção da biodiversidade vegetal e animal. Portanto, se faz necessário o entendimento desses padrões para que se obtenham ferramentas que auxiliem no manejo e conservação das espécies.

5. Referências

- CRONQUIST, A. **The evolution and classification of flowering plants**. New York: The New York Botanical Garden, 1988. 555p.
- EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - EMBRAPA. **Sistema brasileiro de classificação de solos**. 3.ed. Brasília: Embrapa Produção de Informação – SPI; Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 2013. 353p.
- JORDANO, P.M. et al. Ligando Frugivoria e dispersão de sementes à biologia da conservação. In: ROCHA, C.F.D. et al. (Eds.). **Biologia da conservação: essências**. São Paulo: Editorial Rima, 2006. p. 411-436.
- OLIVEIRA, L.S.B et al. Florística, classificação sucessional e síndromes de dispersão em um remanescente de Floresta Atlântica, Moreno-PE. **Revista Brasileira de Ciências Agrárias**, Recife-PE, v.6, n.3, p.502-507, 2011. <<http://doi:10.5039/agraria.v6i3a1384>>.
- SILVA, R.K.S. et al. Estrutura e síndromes de dispersão de espécies arbóreas em um trecho de mata ciliar, Sirinhaém, Pernambuco, Brasil. **Pesquisa Florestal Brasileira**, Colombo-PR, v.32, n.69, p.1-11, 2012. <<http://dx.doi.org/10.4336/2012.pfb.32.69.01>>.
- VAN DER PIJL, L. **Principles of dispersal in higher plants**. Berlin: Springer Verlag, 1982. 162p.